



Epistemologias e ativismos lésbicos no Sul Global

Simone Brandão Souza¹

Maria Aparecida Silva²

Suane Felipe Soares³

Esta edição da Revista Sul-Sul está dedicada aos estudos lésbicos a partir de uma busca ampla e plural por espaço de representação e visibilidade sapatão dentro da academia. Há muito sabemos não se tratar de um espaço acolhedor ou propício para nossas expressões, mas temos a consciência e a determinação de que é por meio de iniciativas como a desse ***Dossiê Epistemologias e Ativismos Lésbicos no Sul Global*** que

¹ Doutora pelo Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia - UFBA - (2018), mestre em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - ENCE/IBGE - (2005) e graduada em Serviço Social pela Universidade Federal Fluminense - UFF - (1995). Atualmente é professora Adjunta do Curso de Serviço Social do Centro de Artes Humanidades e Letras - CAHL e professora permanente e vice coordenadora do Programa de Pós-graduação em Política Social e Territórios da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB. É líder do grupo LES - Laboratório de Estudos e Pesquisas em Lesbianidades, Gênero, Raça e Sexualidades da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e pesquisadora do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Culturas, Gêneros e Sexualidades da Universidade Federal da Bahia.

² Pós doutoranda do Programa de Estudios Posdoctorales PEP da Universidad Nacional de Tres de Febrero- UNTREF Buenos Aires - Argentina. Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Mestra em Sociologia e Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP. Pesquisadora Associada e Membro do Centro de Estudos das Culturas e Línguas Africanas e da Diáspora Negra (Cladin) e do Laboratório de Estudos Africanos, Afro- Brasileiros e da Diversidade (Lead) da Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara - UNESP. Professora Associada, da Universidade Federal de Alagoas/Campus do Sertão. Coordenadora e Líder (CNPq) do Núcleo de Estudos, Extensão e Pesquisas sobre Diversidade e Educação do Sertão Alagoano – NUDES.

³ Doutora e mestra pelo Programa em Associação Ampla de Pós-Graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva PPGBIOS -UFRJ/UFF/UERJ/FIOCRUZ; possui especialização em Gênero e Sexualidade pelo Instituto de Medicina Social - IMS-UERJ; é formada em História na UFF/RJ; e, atualmente, é doutoranda em História Social pelo PPGHIS/UFRJ. Integra o GT de Gênero da Anpuh do Rio de Janeiro e Nacional;

mais e mais o pensamento das lésbicas e sapatonas estará acessível e será partilhado. É na partilha, na troca e no encontro entre nossos corpos e mentes que construímos uma cultura acadêmica lésbica. Por meio desse processo, fincamos raízes e trazemos nossas experiências, nossos códigos e nossas forças. Construímos, tal qual a Senhora Passado⁴ um pouco de memória lésbica, um pouco de partilha.

O Sul Global é esse gueto acadêmico, político e econômico que ocupa a maior parte de terra emersa, que contém a maioria da população, as florestas mais verdejantes, mas que é objetificado e deslegitimado por um passado e um presente de exploração sistêmica que invalida nossos saberes, nossas conquistas e distorce, turva, destrói e obstrui nossa autodeterminação. A colonização nos aparta dentro de nosso próprio território assim como sempre fez o patriarcado e a heterossexualidade compulsória conosco, as lésbicas, confinadas ao isolamento silencioso ao esbarrarmos com outras como nós nas ruas sem podermos nos abraçar e nos acolher. Porém, resistimos e partimos daqui e dali, juntamos nossas forças e construímos – como mulheres lésbicas – uma epistemologia lésbica por meio de pontes entre mulheres de cor, entre mulheres que amam mulheres, como nos ensinaram Moraga, Anzaldúa e as demais teóricas feministas lésbicas.

Sair dos guetos e tomar os espaços construídos, as nações heterossexuais, como nos explicou Curiel, os espaços convencionais que sempre nos rejeitaram é uma missão de vida, difícil e atravancada. São espaços que em certos momentos mandaram nos dizer que nos aceitariam caso fôssemos brancas, magras, eruditas, femininas, ou seja, precisaríamos abrir mão de uma parcela significativa de nossa comunidade, de nossa história e de nós mesmas. Somos sapatonas negras, indígenas, periféricas e produtoras de saberes lésbicos ancestrais e isso define a condição lésbica tanto quanto o nosso amor por mulheres, não podemos nos fragmentar. Não estamos à venda, mas em movimento e ativismo dentro e fora da academia pelo simples motivo de que as nossas ações nos definem diante da lesbofobia e do lesbo-ódio que circunda nossos caminhos e corações. Estamos nesse longo e delicado processo de construir um campo do

⁴ A Senhora Passado é de uma performance artística que a feminista Rosângela de Castro, militante histórica do movimento de lésbicas no Brasil, membra do Grupo Felipa de Sousa de lésbicas negras e da Articulação Brasileira de Lésbicas construiu, brindando os espaços lésbicos com sua irreverência e sabedoria sobre o nosso passado e a nossa história, que tanto nos orgulha e nos une.

conhecimento, os estudos lésbicos. E o principal elemento que nos falta é reconhecimento, porque competência, relevância, metodologia, fundamentação teórica e práxis política já temos de sobra.

Temos também uma longa e potente história lésbica. Assim como o mundo não começou na Grécia Clássica, tampouco as lésbicas começaram em Safo⁵, mas sabemos que as contribuições dessa mestra são sempre atuais, porque se ainda lembramos umas das outras e “de nós” é porque ela, naquele momento e em tantos mais, já discutia sobre um problema tão antigo quando as próprias mulheres: a invisibilidade lésbica.

Adaptativo, cruel e milenar, o patriarcado sempre nos perseguiu em todos os espaços: nas artes, na sociedade, na cultura, na ciência, na família e dentro de cada uma de nós, como uma doença que nos corrói, nos enfraquece, nos fragmenta, nos divide e nos separa. Ocorre uma associação infeliz entre esses sistemas de opressão: capitalismo – patriarcado – racismo – especismo. Seguimos resistindo a todos eles, porque sabemos que valorizar e proteger lésbicas, mas principalmente tomar a nós mesmas como medida de todas as coisas é o ponto de partida primordial para a mudança de mentalidade que tanto almejamos, com a transformação dos espaços de conhecimento e formação através do reconhecimento dessa potência sapatão, ecofeminista, originária e popular.

A academia que defendemos é aquela que propõe partir desses aportes e não uma que os tolere, os inclua ou permita algum diálogo com eles. O que precisamos não é de uma academia menos racista e menos lesbofóbica ou mesmo de uma academia mais plural. Precisamos de uma academia que assuma uma missão de transformação social e que comece essa transformação pela destruição de cânones que ela mesma produziu. Precisamos de uma grande revolução consciente, embasada, científica e extremamente coerente, que lute cotidianamente para empregarmos a única coisa que

⁵ Safo de Lesbos destacou-se como uma dentre as maiores personalidades femininas da Antiguidade grega, foi considerada a maior poetisa eólica deste período. Acredita-se ter sido a primeira mulher de que se tem notícia a fazer poesias significativas na história da cultura ocidental, “é a maravilha do lirismo grego”. (FONTES, 1992: 13). Encontra-se entre as mais famosas e controvertidas autoras da literatura grega. De origem aristocrática, nasceu em Mitilene, na ilha grega de Lesbos em meados do século VII a.C., viveu também na Sicília, exilada por razões pelas quais não sabemos ao certo (MATA, G. M. Fragmentos da poesia de Safo de Lesbos: educação, discurso, gênero e “práticas homossexuais” femininas (século VII a.C.). In: I Seminário Online de Pesquisa em História da Universidade Estadual de Goiás, 2020, Uruaçu. Anais I Seminário Online de Pesquisa em História da Universidade Estadual de Goiás, 2020. p. 501.)

podemos aproveitar desse espaço: a ciência em si, o método, o rigor, a complexidade das análises, o processo de construção coletiva, histórica e política.

A academia é um espaço promissor e mais do que isso, um espaço que as lésbicas sempre estiveram, geralmente, disfarçadas ou subsumidas em equipes que não estavam dispostas a reconhecerem seus valores, competências e contribuições. Entretanto, chegou a hora de sermos abertamente lésbicas. Estamos reivindicando aquilo que somos e o motivo pelo qual estamos aqui, pois somos acadêmicas lésbicas, somos negras, indígenas, periféricas, somos bofes, caminheiras... somos mulheres que negam o patriarcado e a heterossexualidade compulsória e constroem seu próprio caminho, onde quer que existamos, porque vivemos para nós mesmas e para nossas iguais. E nós, lésbicas pesquisadoras, existimos dentro da academia e estamos por meio dessa e de outras iniciativas, construindo nosso caminho individual e coletivo consolidado no conhecimento, no ativismo e na resistência. Assim, os trabalhos selecionados apresentam um pouco mais do que nos parece fundamental discutir.

No trabalho de Dayana Brunetto e Grazielle Tagliamento intitulado *Corpos e experiências lésbicas importam? Para quem? A Rede LésBi Brasil – diálogos entre ativismo e academia* podemos encontrar uma discussão acerca das experiências lésbicas e as conexões contemporâneas entre academia e ativismo na mobilização nacional de lésbicas e bissexuais através da Rede LésBi Brasil. Já a contribuição de Gabriela Gonçalves e Paula Marques da Silva chamada *Sapatão: narrativas político-afetivas de corpos-fronteira na cidade* reflete sobre a existência lésbica nas cidades de forma interseccional por meio da cartografia com enfoque nas escritas de si. Em *Vestígios e memória lésbica nas entranhas do mundo*, de Aline Macedo e Isabel Almeida Carneiro, podemos ler sobre uma investigação de registros fotográficos de três mulheres do sul global utilizando como fundamentação teórica os trabalhos de Glória Anzaldúa e Karina Vergara Sanches, entre outras autoras feministas terceiro-mundistas. Joana Ziller contribui com a produção que recebeu o título de *Corpos lésbicos no YouTube: quais são as mulheres visíveis?* no qual a autora coloca em xeque os padrões de beleza hegemônicos de mulheres brancas, magras, jovens mesmo quando se tratam de lésbicas pensando sobre o jogo entre docilidade e resistência que também opera no campo da visibilidade lésbica.

O artigo “São duas meninas?”: Reflexões sobre o silenciamento da vivência lésbica de Mariana de Castro Moreira analisa o silenciamento e o apagamento das mulheres lésbicas no processo de manutenção do modelo patriarcal e heterossexual e na garantia da pluralidade de discriminações e violências que recaem sobre lésbicas a partir do campo da psicologia. Camila Bonin Liebgott e Leandro Pinheiro em *Lesbianidades identizações no ciberespaço: as narrativas de jovens ativistas no Instagram como parte da luta contra a lesbofobia*, por meio de uma etnografia virtual, investigam postagens de jovens lésbicas sobre o tema da lesbianidade em busca de reconhecimento de lutas e valorização da identidade lésbica. Em *Docência sapatão: desobediências cotidianas na educação infantil e anos iniciais* Anamaria Ladeira Pereira, Camila Santos e Fernando Pocahy Pereira abordam a delicada questão do ser concomitantemente professora nos anos iniciais, lésbica e não estar em conformidade com padrões de feminilidade por meio de uma perspectiva interseccional. O trabalho *Notas sobre violências e segurança pública no Brasil no trânsito lésbicas pretas sapatonas: um ensaio reflexivo* de Valeria Noronha, Nayane Nepomuceno da Cruz e Rodrigo Queiroz traz uma contribuição importante sobre as violências contra sapatonas negras e uma reflexão sobre a questão da segurança pública a partir de autoras como María Lugones e Rita Segato. O artigo de Mayana Rocha Soares e Lea Menezes que recebe o título de *Feiticeiros saberes: intelectuais negras sapatonas e além* propõe uma reflexão sobre a produção intelectual de sapatonas negras nos âmbitos científicos, literários e artísticos na construção do conhecimento na perspectiva das narrativas sobre nós, a partir de nós em busca de caminhos que rasurem as perspectivas teóricas e políticas hegemônicas. Por fim, os relacionamentos lésbicos são foco de análise de Nathaliê Cristo Ribeiro no trabalho intitulado *Particularidades da violência nos relacionamentos lésbicos* no qual são analisadas questões relativas à violência doméstica a partir de entrevistas semiestruturadas com usuárias da rede de atendimento às mulheres no município de Niterói-RJ.

Desta forma, agradecemos a submissão dos trabalhos e desejamos uma boa leitura desse Dossiê que tivemos o prazer de organizar e temos a certeza de que proporcionará reflexões valiosas para o campo dos estudos lésbicos no Brasil.

Atenciosamente,

Simone Brandão Souza, Maria Aparecida Silva e Suane Felipe Soares.